

O MENINO E O PAPAGAIO

Conto de NONATO DE BRITO

Zelito entrou em casa ofegante, conduzindo atrás de si sua humilde arraia de fôlha de cajueiro.

— Que é isso, meu filho? — indagou D. Zildene, sorrindo e afagando-lhe os cabelos. — Que foi que houve?

— Ora, mamãe, o Chico e a Anita mangaram de mim só por causa desta arraia velha de fôlha. Jogaram até pedra nela. Não quero mais esta porcaria, não quero — e raivosamente, quase a chorar, amarrotou-a nas mãozinhas, atirando-a em seguida pela janela.

— Ora, criança — disse a mãe, abraçando-o — eu não gosto nem que você brinque com arraias, porque vai correr pela rua, os carros passando pra lá e pra cá, em tempo de atropelá-lo, ave-Maria!

— Mas todo menino tem arraia de mesmo. Só eu é que não tenho. A do Chico foi êle mesmo quem fêz. É bonita e vai bem altão, eu só queria que a senhora visse. É por isso que a Anita e o Mário só brincam com êle, ajudando a botar a arraia dêle no ar, e nunca vêm aqui em casa brincar comigo.

— Pois bem, meu filho. Você agora vai estudar suas lições, comportar-se direitinho, e amanhã eu e você haremos de fazer um papagaio bem lindo e que suba mais alto que o do Chico. Pra isso já tenho papel de sêda, que sobrou

dos enfeites do armário. Mas olhe lá: só se você der hoje as lições bem certinhas. Ouviu?

Ele assentiu com a cabeça.

A noite não podia conciliar o sono, só pensando em seu papagaio de papel, quando estivesse no ar. Já lhe parecia estar ouvindo os gritinhos entusiasmados da Anita e do Mário, antegozando, por outro lado, o desapontamento do Chico, que nunca mais o importunaria com pedradas e apelidos.

Uma sensação estranha, de alegria, de conforto íntimo, o empolgava.

Levantou-se da rêde, abriu uma banda da janela do oitão e um jorro de luar invadiu o quarto, ora impregnado de ativo cheiro de mato, trazido pelo vento de um terreno baldio nas imediações da casa.

Deitou-se novamente e, fitando a lua através da janela, como se ela fôsse também uma arraia, pôs-se a agitar o bracinho para cima e para baixo, para cima e para baixo, simulando lanceá-la e deliciando-se com a altura em que ela se encontrava.

De repente se deteve, assustado. Ora, que coisa! A lua sorrira para êle. Abriu mais os olhos e viu que já não era a lua e, sim, o rostinho da Anita, que, prêso à outra extremidade da sua linha, ia e vinha pelo firmamento, enquanto um pouco além o Chico e o Mário jogavam-lhe estrêlas, pretendendo derribá-la.

Uma das estrêlas atingiu bem em cheio a testa da Anita, que, exibindo uma careta horrível, desfaz-se em lágrimas. As lágrimas transformam-se agora em incessante chuva, sob a qual êle corre desesperadamente por sôbre nuvens e altíssimos píncaros, com o Chico e o Mário no seu encalço.

Estão na iminência de alcançá-lo, quando êle grita por sua mãe e desperta num sobressalto, o coração às doidas, verificando então estar todo molhado.

Entretanto, não se levantou logo a fim de mudar o calção. Sômente teve disposição para tal quando as primeiras lâminas do sol, como fantásticos serrotes de ouro, atravessavam

a porta da frente e iam entortar-se contra a parede do seu quarto, bordando-a com as sombras inquietas de misteriosa folhagem.

E, ouvindo já as vozes de outros meninos que, sugerindo um bando de periquitos, corriam alegremente pela rua, ergueu-se também e dirigiu-se pressuroso à cozinha. Aí, num piscar de olhos, banhou o rosto, escovou os dentes, tomou café, secretariou depois a mãe na limpeza do quintal e abasteceu água, de uma bomba quase perra, a cozinha e o banheiro.

Terminadas essas atividades, demandou-se para o fundo do quintal a selecionar palitos em velho coqueiro de palmas chamuscadas, mas o único no momento ao seu alcance.

Voltou a correr e, entrando em casa, muniu-se de uma tesoura, de um calabote de linha encontrado antes na rua, de um caco de vidro para raspar os palitos, de uns retalhos de fazenda, destinados à cauda do papagaio. E, juntando na sala todo êsse material, chamou por D. Zildene:

— Pronto, mamãe. Só falta agora o grude e o papel.

D. Zildene, que já concluía parte da sua tarefa na cozinha, não se demorou muito em atendê-lo e, dentro em pouco, estavam os dois empenhados na execução da obra.

A mulher, porque fôsse naturalmente mais jeitosa, tomou a si mesma o encargo, incumbindo-se o filho apenas de segurar os palitos para que ela armasse o esbôço. Isso, entretanto, acarretou-lhe muito trabalho, pois, sempre que em cima as medidas dos lados correspondiam exatamente, embaixo, nos ângulos inferiores, notavam-se sérias divergências. Chegou a quebrar diversos palitos nas suas tentativas, sendo obrigada a confeccionar novos esqueletos.

Zelito não parava de coçar a cabeça, fazendo esforço danado para não fazer xixi, só de impaciência.

A calma de sua mãe, no entanto, não conhecia limites e, ao fim de suados minutos, conseguiu que a armação atingisse a perfeita simetria.

Daí passaram ao papel. Já devidamente recortado, grudaram-no nas margens e com êle cobriram a pequena e leve estrutura. Nesta operação defrontaram-se também com certa

dificuldade, devido à péssima qualidade do grude, cheio de grânulos, o qual não permitia uma cobertura uniforme. Tiveram de o colar e descolar por várias vezes.

Mas, afinal, terminaram a obra e, talvez com o mesmo prazer e orgulho de Santos Dumont ao lançar no espaço o seu invento, ficaram contemplando o papagaio, que era deliciosamente verde e apresentava ao centro um vermelho e bem destacado coração.

Zelito não tinha sossêgo.

— Me dê, mamãe! me dê, mamãe! — pedia ansioso e, quando sua mãe lhe ofereceu, êle mesmo o expôs ao sol, onde passou quase meia hora. Depois, equipando-o com rabo e cabresto, no qual atou a ponta da linha do calabote, olhou através da janela para o alto. Já a do Chico, lançada de outra rua, lá estava serena como aquêle urubu que ia voando agora acima dela.

Moveu então o braço para cima e para baixo, na ilusão de estar lanceando o urubu, que ora tomava em sua mente as formas de uma arraia negra e veloz, vencedora de tôdas as outras arraias do mundo.

Abaixou a vista para a que repousava em sua mão e um frêmito de alegria percorreu-lhe todo o espinhaço. A dêle também talvez pudesse chegar àquela altura. Tornou a chamar D. Zildene e ela veio logo empiná-la, embaixo, na calçada. Ali, pelo menos, não haveria o perigo dos carros, pois a rua era larga, de maneira que lhes sobrava bastante margem para a brincadeira. Assim pensando, pegou o papagaio e ergueu-o.

— Espere aí, mamãe — gritou Zelito, empunhando o calabote. — Espere aí, que eu vou chamar o vento.

E pôs-se a assobiar para que o vento lhe viesse em socorro. D. Zildene sorria, encabulada com os transeuntes. Em dado momento, curioso, o vento veio mesmo e êle mandou que ela soltasse a arraia. Ela obedeceu e o menino saiu a correr puxando a linha. Mas o sôpro do deus Éolo fôra fraco demais, e o brinquedo não cumpriu com o seu destino.

Voltou a empiná-la e, dessa vez, ela enganchou-se nos galhos de um arbusto na casa vizinha. Zelito, com extremo cuidado, desembaraçou-a e a mulher fêz nova tentativa. Mas o engenho estava mesmo fadado ao fracasso, segundo as suas previsões, e ela, decepcionada, precisou ir lá dentro a cuidar dos seus afazeres.

Vendo-se só, o menino foi buscar um banco e, trepado nêle, experimentou assim guindar o brinquedo. A posição, porém, não o deixava locomover-se a contento e êle passou-se para cima do muro. Aí deparou-se, também, com o problema do equilíbrio, de modo que foi obrigado a saltar novamente sôbre a calçada.

Nisto veio o vento, êle arreou a linha e a arraia subiu um tanto. Infelizmente um cargueiro d'água que, na ocasião, passava com o seu burro, o atrapalhou, derribando-lhe linha, arraia e um punhado de esperanças.

— Seu Zé, olhe a minha arraia aí! Seu Zé, olhe a minha arraia aí! Olhe a linha! — suplicou a correr para o homem, caindo em seguida junto às patas do animal, arranhando-se todo no calçamento, mas salvando enfim, milagrosamente, o seu trabalhoso papagaio.

O homem o descompôs mas êle nem lhe deu ouvidos e, quando a rua se achava novamente limpa de obstáculos, continuou a pelear. Aproveitou repentina lufada do vento sul e afrouxou a linha. A arraia elevou-se alguns metros do solo, por cima do telhado da casa fronteira, amolecendo depois.

Puxou alternadamente com uma mão e com a outra a linha e a arraia se firmou no ar. Repetiu o ato precedente e ela subiu mais um pouco, para, tal qual um pássaro ferido, curvar-se no mesmo dengue, na mesma lassidão.

Perdeu muito tempo com essa manobra e estava impaciente. Tanto mais que o estômago lhe rosnava de vez em quando, que a merenda êle esquecera no armário, e o suor que lhe gotejava da testa já começava a dificultar-lhe a visão.

Correu um instante pela calçada, como último recurso, arrastando de braço erguido a linha. Neste momento soprou o vento outra vez e êle recobrou o ânimo, desenrolando ime-

diatamente o calabote. A arraia tomou então um impulso e ganhou altura, pedindo linha. Pedindo mais... mais... mais... fazendo-o liberar tôda a que havia no calabote, até vê-la ir bem alto, já próximo ao papagaio amarelo do Chico.

Agora o menino estremeia de prazer. A emoção era tanta que êle, trepando-se de nôvo no banco dentro do muro, mal pôde falar para D. Zildene, lá na cozinha:

— Mamãe! venha ver, mamãe! Ela subiu! a minha arraia subiu! Tá bem pertinho da do Chico! Venha depressa!

D. Zildene, desfeita em risos, correu lá de dentro ao seu apêlo. Mas quando atingia a porta da frente, um brado de angústia, partindo do seu filho, fêz apressar-lhe o coração. Ele, de pé em cima do banco, a linha ainda segura na mão, movia os bracinhos, aflito:

— O cerol, mamãe. A do Chico tinha cerol. Cortou a minha arraia. Olhe, mamãe, lá vai ela! — e apontava para o céu, os olhos cheios de lágrimas.

D. Zildene, comovida, colou o rosto no do filho e, sem outra coisa mais a fazer, ficaram assim contemplando a arraia de coração vermelho que fugia molemente no espaço, lânguida e triste como uma despedida.